

**Cientistas ou militantes? Biografia,
movimentos sociais e divulgação científica
em *Caros Amigos***

Scientists or activists? Biography, social
movements and science communication in
Caros Amigos

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



FABIANO ORMANEZE¹

RESUMO

A revista *Caros Amigos* publicou, entre dezembro de 2009 e novembro de 2010, uma coleção de biografias, como suplemento, intitulada 'Grandes Cientistas Brasileiros'. Foram 12 fascículos, cada um com dois textos biográficos sobre cientistas das áreas de naturais e humanas. Neste artigo, analisa-se como os textos sobre a vida de três biografados (Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Milton Santos) produzem sentidos sobre ciência, a atuação do cientista e a relação entre Ciências Humanas, militância política e movimentos sociais, a partir da Análise de Discurso francesa. As conclusões levam ao fato de que, embora a coletânea de biografias ajude a divulgar descobertas científicas na área de humanidades, os textos esbarram-se em pré-construídos e estereótipos sobre o papel das Ciências Humanas e de seus atores. Esses biografados, embora cientistas de renome, são lembrados na coletânea muito mais como militantes.

PALAVRAS-CHAVE

Biografia. Divulgação científica. Movimentos sociais.

ABSTRACT

The magazine *Caros Amigos* published, between December 2009 and November 2010, a collection of biographies entitled 'Great Scientists Brazilians'. The collection had 12 booklets, each with two biographies of scientists (Natural Sciences or Human Sciences). In this paper, from French Discourse Analysis, we analyze how the texts about the lives of three scientists (Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes e Milton Santos) produce meanings about science, the scientist's role and the relationship among Human Sciences, political activism and social movements. The findings indicate that the texts show "pre-built" and stereotypes about Science and its actors. The collection helps the disseminate scientific discoveries, but the scientists are remembered, in the collection, as activists.

KEYWORDS

Biographies. Disseminate scientific. Social movements.

Recebido em: 11/02/2014. Aceito em: 01/04/2014.

¹ Mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Especialista em Jornalismo Literário pela Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL). Bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Professor do Centro de Linguagem e Comunicação (CLC) da PUC-Campinas. E-mail: ormaneze@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6469152555876669>.

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

1 A QUESTÃO PRIMEIRA: A QUEM PERTENCE A BIOGRAFIA?

Jornalismo? História? Literatura? Alguém poderia, de posse de uma biografia, não ter nenhuma dúvida em dizer que ela seja História. Mas, outros, ao se informarem sobre como as informações que compõem a obra foram buscadas, perceberão que, além das estratégias oriundas das Ciências Sociais apropriadas pelo Jornalismo no século XX, como a entrevista, a consulta a documentos e dados, há a escrita de um texto acessível ao grande público, valorizado na prática jornalística. Outros, no entanto, podem se sentir como se lessem um romance, principalmente se a narrativa usar estruturas como a descrição ou a reconstrução de diálogos.

Esse 'conflito' de definição indica que seria redutor incluir a biografia, como gênero, em apenas um desses campos com os quais, de alguma forma, está envolvida. Embora as estratégias de produção do texto possam ser as mais variadas, os autores que refletem sobre a biografia, principalmente, no campo da História e do Jornalismo, não admitem a possibilidade de elementos não passíveis de comprovação na trajetória de vida contada. O que se espera é que se revele, detalhadamente, a partir das investigações, pesquisas e do estilo do biógrafo, uma versão da vida de uma pessoa que, pelas suas especificidades, torna-se tema de interesse de uma parcela de público.

Para o biógrafo, por outro lado, é importante manter a imagem de que faz, ao mesmo tempo, História, Jornalismo e Literatura. "Analisar uma participação [em diversos campos do saber] em vez de se limitar a um pertencimento classificatório permite entrar na complexidade dos fatos do discurso." (ADAM; HEIDMANN, 2011, p. 21). Ao partir para a escrita de um texto biográfico, o autor carrega consigo, ainda que inconscientemente, não só as memórias do fazer e do saber originárias desses campos, mas também a legitimidade construída por cada um deles e as imagens projetadas socialmente dos profissionais que estão neles inscritos.

O biógrafo reveste-se da credibilidade inerente ao fazer jornalístico e à atividade do historiador para construir seu discurso de 'verdade', referenciado com base em técnicas como as entrevistas e a consulta aos documentos. Além

disso, a liberdade na escrita conferida ao gênero ao situá-lo como uma fronteira da Literatura, permite ao biógrafo ser incluído no grupo dos escritores, o que lhe atribui, ainda que num primeiro olhar, o status de criativo e intelectual, socialmente valorizados e importantes para a carreira no mundo das letras.

Ao questionar por que tal personagem merece que sua biografia se torne pública, o autor parte de características do jornalismo: relevância das informações e sua universalidade de interesse. Da mesma forma, todo o trabalho durante a escrita será de seleções, conscientes ou não, determinadas historicamente. Assim, fatos secundários da vida do personagem (a partir dos critérios daquele momento e daquele autor) serão descartados. Ainda que o personagem selecionado não seja uma unanimidade, a forma como a história será contada ou como o livro será divulgado, certamente, vai tentar encontrar argumentos que demonstrem sua importância.

Ao contar uma história, com cenas, lugares, descrição de pessoas e tentativas de transmissão de emoções e percepções sensoriais, o biógrafo usará estratégias da Literatura, da Arte. No momento em que faz a sua investigação da vida do biografado, o biógrafo arma-se de toda sorte de técnicas, como a entrevista em profundidade e a observação participante. Nesse processo de investigação, a biografia esbarra na historiografia. O autor, então, começa a fazer uso de documentos, de cartas, de memórias e, necessariamente, se quiser entender melhor a vida do seu personagem, do contexto histórico no qual ele viveu.

Sobre o caráter de 'verdade' no texto biográfico, Vilas Boas (2002, p. 34) lembra que o resultado final da biografia está diretamente condicionado aos "contratos autorais" assinados entre biógrafo e biografado ou, então, entre o biógrafo e os "guardiões da memória", ou seja, os herdeiros de um personagem já morto. De acordo com Vilas Boas (2002), além do biografado, a editora que encomenda a obra e as fontes ouvidas para a reconstrução da trajetória de vida são elementos que interferem. O tipo de biografia que se tem, se autorizada ou não, encomendada por uma editora ou pela própria família ou se produzida no

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

formato de *ghost-writer*,² também será decisivo no formato final do discurso que se terá. Para cada condição de produção, uma verdade emergirá.

Isso tudo prova que jamais alguém escreverá 'a história' de um personagem. Será sempre 'uma história'. A perspectiva da historiografia moderna não é diferente em relação à existência de versões, motivada pelo movimento da Nova História, surgido na França nos anos 1970, a partir de autores como Jacques Le Goff e Pierre Nora. Atentos às teorias da produção simbólica e da subjetividade, eles se baseiam não apenas na descoberta de novos objetos de estudo, mas também no desenvolvimento de novas abordagens e métodos, constantemente em associação com outras disciplinas como a Linguística, a Sociologia e a Antropologia. Se, para Le Goff, uma coisa é o acontecimento (*l'événement*) e outra é o fato histórico (*le fait historique*), na mesma linha de raciocínio, uma coisa é a vida, outra é a biografia.

Nessa perspectiva, "pode-se escrever a vida de um indivíduo?" (LEVI, 2006, p. 169), ou então, o que determina a história que se contará de um personagem? A resposta é transpassada por elementos que vão desde as informações a que se teve acesso, até velhas concepções do que seria a vida, a interpretação que, constantemente, dá-se a fatos corriqueiros e ao próprio papel da ideologia na constituição, na formulação e na circulação de discursos. Como discurso, ou seja, "efeito de sentido entre locutores", conforme a definição de Orlandi (2009, p. 21), baseada em Pêcheux, qualquer texto terá sua significação edificada em cada ato, em cada momento de contato.

Não é possível, dadas as condições subjetivas de todo indivíduo-autor, pensar a biografia como sendo História fora dos pressupostos da Nova História. Se a história também é materializada pela linguagem, é, portanto, impossível separá-la das significações que lhe são atribuídas pelo lugar, pelo sistema de referências e pela cultura.

Quando se aborda a biografia e sua relação com as práticas literárias, convém sempre perguntar qual a definição de literatura utilizada. Uma vez que a biografia tem a proposta de contar a vida de uma pessoa real, a partir de

² *Ghost-writer* designa o profissional que atua como autor de textos, mas não recebe os créditos de autoria, que ficam com o contratante do serviço. No caso das biografias, é comum quando se trata de textos autobiográficos em que a pessoa, interessada em registrar sua história de vida, contrata um especialista na produção dos textos.

investigações, apuração de dados e de pesquisa, a proposta de literatura que convém é aquela apropriada pelo chamado Jornalismo Literário, ou seja, fidelidade à observação e responsabilidade na apuração, mas liberdade para contar a história, destituindo-se das técnicas propostas pelo jornalismo tradicional, praticado pela maior parte da imprensa, possibilitando, além de uma narrativa que envolve diálogos, descrições, cenas reconstruídas, uma linguagem com preocupações estéticas ao lado da preocupação com a fidelidade àquilo que foi apurado.

2 BIOGRAFIA E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

A expressão “divulgação científica” traz uma perigosa obviedade, que camufla um conjunto de representações e valores, além de um imaginário sobre ciência. O termo “divulgação”, etimologicamente, ascende à ideia de “comum”. No entanto, recebeu, historicamente, uma acepção negativa. Quando se diz que algo é “vulgar”, o termo tem forte conotação negativa.

O conhecimento sobre ciência faz parte da construção da cidadania e da democracia, pois é capaz de ajudar a formar cidadãos mais participativos e que possam cobrar de seus governos políticas científicas adequadas e necessárias. A alfabetização científica, ou seja, a capacidade de compreender conceitos essenciais às ciências, também ajudaria a quebrar a rígida separação que parece existir entre Ciências Naturais e Ciências Humanas. Embora a Sociologia, a Psicologia, a Linguística e a Geografia, por exemplo, sejam ciência por abordar de forma sistemática e com rigor metodológico seus temas de estudo, os meios de comunicação, de modo geral, tendem a considerá-las ‘menores’ do que a Biologia, a Química ou a Genética, por exemplo. Isso se materializa quando se abre um jornal e se vê que as descobertas das propriedades de um determinado alimento estão retratadas na editoria de ‘Ciência’, mas uma nova teoria sobre o estresse ou um estudo sobre as classes sociais aparece sob as siglas de ‘Comportamento’ ou ‘Sociedade’.

O psiquiatra americano Robert Maxwell Young, autor de *What happened to human nature* (2000) estuda, desde o final dos anos 1990, biografias de cientistas com o objetivo de inferir relações sobre como a ciência reflete seu momento histórico, suas próprias fontes e o quanto nosso entendimento de

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

ciência é determinado pelo contexto cultural. De acordo com Young, a produção de biografias e a sua publicação, com políticas de acesso ao grande público, o que, necessariamente, também precisa ser acompanhado de uma melhoria na educação do país, é uma contribuição importante para o crescimento da cultura científica, principalmente, se os textos produzidos forem capazes de gerar identificação e interesse para conhecer mais a fundo métodos e descobertas.

Uma narrativa bem escrita tem o poder não só de gerar identificação entre leitores e personagens, mas também de criar o interesse pelo assunto. Por mais que o tema seja, num primeiro momento, desinteressante ou demasiadamente árido, grande parte do envolvimento do leitor pode dar-se pela forma como o texto é construído. A construção de um texto mais literário e menos relatorial seria capaz, inclusive, de levar ao público alguns temas mais complexos como a familiarização com os processos de elaboração das políticas públicas de Ciência e Tecnologia (CT&I), além de questões éticas envolvidas.

34 |

3 CIENTISTAS E MOVIMENTOS SOCIAIS EM CAROS AMIGOS: SENTIDOS

A coletânea 'Grandes Cientistas Brasileiros' foi publicada pela revista mensal *Caros Amigos*, por meio de 12 fascículos de 32 páginas, contendo duas biografias cada um. As publicações chegaram às bancas entre dezembro de 2009 e novembro de 2010. A cada mês, um novo fascículo estava à venda e podia ser adquirido por mais R\$ 8,90, além do preço da revista. Em todas as edições, figurou publicidade governamental, sob a sigla 'apoio', do Ministério da Ciência e da Tecnologia (MC&T) que, inclusive, divulgou em seu site *release* sobre a coletânea.

A série de biografias lembra a concepção gráfica de uma enciclopédia. A própria *Caros Amigos*, em materiais de divulgação publicados nas edições que antecederam o primeiro fascículo e em seu site, dizia que a coleção era uma "obra de referência": "Os 12 fascículos mensais, 32 páginas coloridas a cada edição, formam ao final uma **obra de referência** de 384 páginas. A capa dura

especial, gratuita, vem no oitavo fascículo” (CAROS AMIGOS, 2009, p. 1, grifo nosso).

Antes de refletir sobre esse trecho, vale lembrar que todo discurso é, naturalmente, oriundo de outros. A isso, Pêcheux (1975) chamou de interdiscurso. “Toda formação discursiva dissimula pela transparência de sentido que nela constitui sua dependência com relação ao todo complexo dominante das formações discursivas, intrincando no complexo das formações ideológicas” (p. 162). O interdiscurso, assim, é “aquilo que fala antes, em outro lugar” (ORLANDI, 2009, p. 31). Por essa razão, é impossível analisar um discurso como um simples texto, pois sempre será preciso referi-lo ao conjunto de outras falas e situações.

A utilização do termo ‘obra de referência’ e a concepção gráfica da coletânea quando reunida em capa dura indicam o propósito de a coleção encontrar espaço nas estantes entre as enciclopédias e os dicionários. As imagens e a presença desse tipo de livro nas bibliotecas, o seu caráter de credibilidade, permitindo consulta didática e rápida sempre que necessária, constituem-se como um interdiscurso. A coletânea poderia, portanto, ser concebida como um instrumento linguístico, conforme Auroux (2009), para quem dicionários e enciclopédias são tecnologias da escrita e da linguagem que produzem interferência tanto na circulação quanto na própria concepção da escrita ou da temática retratada na obra. A antologia de *Caros Amigos*, tendo inclusive a chancela governamental, diz respeito não apenas ao leitor, mas principalmente ao sujeito da ciência. A tentativa de figurar como uma ‘obra de referência’ e que, por isso, modeliza o que é ser cientista e fazer ciência, faz também lembrar Bueno (1985), para quem a divulgação científica esbarra-se nos propósitos educacionais. Segundo ele, a prática de divulgar ciência dá-se em dois níveis: o nível educacional (onde estão os livros didáticos, por exemplo) e o nível jornalístico. Na coleção, essa finalidade pedagógica foi valorizada:

Com um formato leve e colorido, a coleção é a ideal para professores, alunos, pesquisadores e interessados na história do País. Além da biografia, os fascículos contextualizam a história dos homenageados com fatos do mundo, trazem quadros explicativos, curiosidades e uma entrevista com um especialista da área. No final, tem também uma linha do tempo do personagem e outras publicações relacionadas ao

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

tema para quem quiser estudar mais. (CAROS AMIGOS, 2009, p. 1).

O trecho reforça positivamente o trabalho da coleção ao dizer que a biografia está contextualizada à história. Ora, seria possível ser diferente? Tem-se a impressão de estar presente, nesse trecho, uma fala que teima em dizer que é possível fazer biografia sem compreender o homem como fruto de sua história e sem estar diretamente relacionado ao seu contexto de vida. Interessante notar, nesse trecho, a presença da palavra 'homenageado', que carrega a atribuição de certa genialidade dos retratados.

Percebe-se também, principalmente, com a utilização do advérbio 'além', que a revista coloca essa característica didática como diferencial. A cada edição, essa preocupação virá por meio de uma diferenciação gráfica. Em todas as biografias, há um quadro, no meio do texto, em que aparece a rubrica 'contexto' e o momento histórico no qual o cientista biografado viveu e produziu sua obra é rapidamente retratado.

36 |

O didatismo é fortemente valorizado, buscando enfatizar que os professores e estudantes são públicos que a revista quer atingir. Em toda cena de enunciação, a localização do outro com quem se pretende manter o diálogo é decisiva para a análise dos sentidos. O caráter didático da coleção indica, caso adotado por docentes e escolas, a permanência de muitos conceitos sobre ciência e cientista que já encontram ressonância na educação brasileira. Assim, vai se produzindo um conjunto de 'coisas-a-saber' que o brasileiro precisa dominar e para as quais precisa ser educado.

A seleção dos 24 nomes que compuseram a coleção teve como critério, facilmente identificável, o já falecimento dos cientistas biografados. Todos estavam mortos havia pelo menos dez meses. Todos também viveram a maior parte de suas vidas no século XX.

A escolha por cientista mortos faz emergir um interdiscurso, bastante comum e repetido por vários biógrafos, embora sem nenhuma equivalência na teoria sobre o que seria uma biografia: comumente ouve-se dizer que o bom biografado é aquele que está morto (CASTRO, 2007), em razão da maior liberdade, já que os autores não contam com o balizamento da pessoa sobre

quem escrevem. Os influenciadores, nesse caso, se resumem aos familiares e amigos (VILAS BOAS, 2002; ARFUCH, 2010).

Para este artigo, selecionou-se parte da análise feita em um estudo maior (ORMANEZE, 2013) sobre a divulgação científica em *Caros Amigos*, via biografia. Esse recorte explicita como Florestan Fernandes (fascículo 2), Milton Santos (fascículo 3) e Darcy Ribeiro (fascículo 5), da área de Ciências Humanas, foram retratados e como a militância política dos três foi abordada. A escolha desse recorte deu-se pela forte ligação dos três cientistas às questões sociais, o que permite verificar se existiram particularidades na forma como suas produções científicas foram retratadas.

4 CIENTISTA-MILITANTE EM REVISTA

Para o início desta análise, recorre-se aos primeiros parágrafos das três biografias, uma vez que o início de um texto jornalístico sempre traz elementos essenciais para a compreensão da importância do que se relata:

Dona Maria Fernandes, uma portuguesa que veio para o Brasil com apenas 13 anos para trabalhar nas lavouras do interior de São Paulo, casou-se cedo. Ainda adolescente foi prometida para um colono português, mas o casamento durou pouco: em 1918, o marido morreu de "gripe espanhola", doença que assolou o país após o final da 1ª Guerra Mundial. Desamparada, Maria vai para a capital, onde tornou-se empregada doméstica. Em uma das casas em que trabalha, se envolve com outro empregado e engravida. Abandona o serviço sem noticiar o pai sobre a gravidez. Consegue outro emprego, também como doméstica, em casa de classe média na região do Brás, bairro em fase de rápida industrialização no começo do século passado, ocupado principalmente por imigrantes, que vinham para o Brasil trabalhar nas indústrias e plantações de café. (CAROS AMIGOS, 2010, p. 35).

Em 1930, Getúlio Vargas assumiu a presidência do Brasil, que governou enfrentando forte oposição. Sete anos depois, ainda no poder, anunciaria pelo rádio a implantação do Estado Novo: o Congresso Nacional foi então fechado e uma nova Constituição se impôs sobre os cidadãos. Começava o primeiro período ditatorial pelo qual o país passaria, com prisões, torturas e perseguições a todos que lutavam contra a posteriormente chamada "Era Vargas". A repressão, no entanto, chegou com menos força na Bahia, estado que acabou se tornando um ambiente de grande movimentação de intelectuais de tendências marxistas, como Mario Alves, Carlos Marighella e Jacob Gorender. O geógrafo Milton Santos, que viveu sua juventude nesse contexto, não escapou de tais influências e lentamente foi se afeiçoando ao pensamento de esquerda, apesar de nunca ter, ao

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

longo de sua vida, filiado-se a algum partido político. (CAROS AMIGOS, 2010, p. 67).

“Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.” Quem não conhece a trajetória do antropólogo Darcy Ribeiro – autor da frase, pronunciada ao receber o título de Doutor Honoris Causa, da Universidade de Sorbonne, na França, em 1979 – pode pensar que ela exprime apenas frustração. Mas seu sentido é político, de reafirmação dos ideais que o cientista defendeu e trabalhou para concretizar e disseminar entre os brasileiros. (CAROS AMIGOS, 2010, p. 131-132).

Embora, pelo formato não periódico dos textos da coletânea, a preocupação com a humanização dos biografados e o não rigor no seguimento da técnica do lide foram usadas por ‘Grandes Cientistas Brasileiros’, nesses trechos, a formação do jornalista a partir da técnica da pirâmide invertida mostra-se como interdiscurso que afeta sua escrita.

38 |

Os jornalistas (e todos os contratados pela revista para o projeto eram formados em cursos superiores na área) aprendem que o primeiro parágrafo deve trazer a informação mais importante. Até quando fala de textos com mais liberdade estilística, para as chamadas ‘reportagens não factuais’, os manuais de redação não prescindem da necessidade de apresentar ao leitor, logo no início do texto, o tópico de que se fala. Isso demonstra que, mesmo a biografia sendo um texto possível de liberdade estética, a memória do lide e da técnica faz-se presente como interdiscurso em quaisquer gêneros que se pretendam jornalísticos. Assim, ao escrever o texto, a estrutura da biografia mostra que “o lide, formalizado pelos norte-americanos ainda no século passado [século 19], passou a se constituir um traço importante de motivação para o produto/notícia, para agarrar o consumidor no contato imediato” (MEDINA, 1988, p. 135).

O leitor é impelido a perceber qual a importância do cientista biografado e o que justifica sua inserção na coletânea. Fez-se necessário, como forma de justificar a inserção desses personagens no hall dos ‘Grandes Cientistas Brasileiros’, demonstrar, já nos primeiros parágrafos, o caráter de

excepcionalidade e dedicação. No entanto, ao conferir importância aos cientistas da área de humanas, o que se percebe é um predomínio da trajetória de vida e não da importância para a ciência brasileira. No primeiro trecho, da biografia de Florestan Fernandes, a narrativa prioriza a história de sua mãe, para construir, primeiro, o personagem do menino pobre que se transforma num dos grandes cientistas. O sociólogo é sequer citado no trecho inicial da biografia. Já no segundo trecho, sobre Milton Santos, o contexto político da juventude do autor é mostrado, sem fazer também nenhuma citação sobre sua contribuição para a Geografia. O terceiro texto, sobre Darcy Ribeiro, começa com uma frase de impacto, mas que expõe o trabalho que ele desenvolvera como um militante e menos como um cientista, com trabalhos sobre os índios, a educação e a universidade. Os trechos mostram uma unidade que a revista imputou à humanização do cientista para as biografias de *Caros Amigos*: no caso da área de Ciências Humanas, focalizou-se a vida, mas se 'esqueceu' da obra. Em comparação, nos cientistas da área de naturais, a obra e suas contribuições para o progresso foram destaque nos primeiros parágrafos (ORMANEZE, 2013).

Os recortes anteriores permitem ainda perceber mais um critério de seleção. A revista demonstra, em sua escolha para 'os grandes' da área de humanidades, uma predileção às histórias com alguma ligação aos movimentos sociais ou mesmo, no passado, à esquerda e àqueles que, de alguma forma, foram reconhecidamente injustiçados (pela ditadura, pela situação social, pela cor da pele etc.). Isso é parte dos efeitos pretendidos no leitor e da demarcação ideológica. *Caros Amigos*, em seu slogan, define-se como 'a primeira à esquerda' e, entre suas editoriais mensais, está 'Direto dos Movimentos'. Tudo isso também exerce o papel de interdiscurso no lugar de onde a revista se coloca e como condições de produção, ou seja, as circunstâncias em que o discurso é constituído (PÊCHEUX, 1975).

Essas opções ficam bastante nítidas pela presença de dois nomes da Geografia na coletânea: Milton Santos e Josué de Castro (fascículo 11), ligados à Geografia Humana, campo das questões sociais e política e não das características físicas, geológicas ou climáticas. Na verdade, as concepções de Geografia de ambos resvalam-se muito no campo da Sociologia e da

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

Antropologia, expondo aspectos ligados à distribuição de renda, concentração fundiária e fome.

Essas características militantes também podem ser percebidas em elementos que são destacados do texto, como os títulos e as linhas-finas utilizadas pelos editores:

Pilar da sociologia brasileira

A **improvável história** do **menino pobre** que tornou-se o **primeiro grande sociólogo** brasileiro, **incorruptível nas ideias e ações, coerente até a morte**. (CAROS AMIGOS, 2010, p. 34, grifos nossos).

O gênio que povoou a ciência

Reconhecido internacionalmente, o **mais destacado** intelectual negro **do Brasil** construiu a noção de território como espaço das relações humanas. Com isso, **revolucionou** a geografia dos mapas e gráficos. (CAROS AMIGOS, 2010, p. 64, grifos nossos).

A busca do Brasil indígena

Antropólogo, etnólogo, educador e estudioso da educação, Darcy Ribeiro foi **também** poeta, romancista, ensaísta e político. (CAROS AMIGOS, 2010, p. 134, grifo nosso).

40 |

Ao produzir um título e uma linha-fina, o editor de uma publicação o faz afetado pelos efeitos de pré-construído sobre o funcionamento desses dois elementos estabilizados na história das práticas jornalísticas. Ao mesmo tempo em que se considera o título como um filtro, é também “a difícil arte de dizer apenas o essencial” ou aquele momento em que o jornalista “sintetiza em uma frase a notícia que tem em mãos e que deseja revelar o seu leitor” (ZANOTTI, 1998, p. 45). Considerando também que boa parte do público leitor é seletivo, no sentido de que não lê o texto inteiro, a criação dos títulos e linhas-finas torna-se importante mecanismo na constituição dos sentidos. Nos excertos, os enunciados mostram pelo menos quatro imagens valorizadas nos cientistas biografados: 1) a genialidade (moral ou cientificamente); 2) o pioneirismo; 3) a preocupação com questões que impactam diretamente a sociedade; e 4) a representatividade científica.

No segundo trecho citado, o emprego do verbo ‘revolucionar’, por exemplo, potencializa o sentido de ‘genialidade’, uma vez que a personagem é

colocada como aquele que conseguiu sobrepor-se às dificuldades sociais. O adjetivo 'improvável', usado para se referir a Florestan, também é demonstração de uma história que poderia ser banal. Nesse ponto, faz-se presente a ideia de fatalismo, conforme definida por Vilas-Boas (2008), ou seja, passa-se a impressão de que o biografado estava fadado ao sucesso.

A noção de pioneirismo é perceptível, principalmente, em construções como 'primeiro grande sociólogo'. Como estratégia para demonstrar e permitir que se possa sentir a importância desses cientistas e também uma visão de que a ciência deve trazer benefícios imediatos, a coletânea opta por usar termos em suas linhas-finas como 'menino pobre' e 'intelectual negro', retomando a inclusão de classes historicamente marginalizadas. Nota-se ainda uma imagem de profissional da área pública dedicado, coerente e que faz bom uso de suas atribuições – uma demanda do Brasil contemporâneo e frequente nas pautas de *Caros Amigos*, como mostra Bicudo (2004). A presença desses temas nas pautas da revista e, principalmente, nas aspirações do brasileiro exerce aqui o papel de condições de produção desse discurso, principalmente, pelo fato de que o acontecimento discursivo é o ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade. Isso também se nota no reforço de que Florestan foi "incorrutível nas ideias e nas ações, coerente até a morte."

Como "as palavras não são só nossas e significam pela história e pela língua" (ORLANDI, 2009, p. 32), é importante pensar em que memórias esses termos se inscrevem. O mais comum quando se pensa em um cientista social ou de qualquer área das humanas é imaginar o profissional numa biblioteca, rodeado de livros ou, então, fazendo suas pesquisas em espaços economicamente desfavorecidos. Daí, também se constrói uma associação direta entre a pesquisa na área das Ciências Humanas e a militância política, daqueles que são sempre convidados a emitir opiniões sobre a sociedade, dos que estiveram em constante luta por condições melhores. Assim, as biografias de *Caros Amigos* valorizam, dedicando um número maior de páginas a aspectos mais relacionados à 'vida' dos cientistas da área de Humanas, principalmente, quando eles mantêm alguma relação de resistência com a ditadura militar (caso de Florestan, Darcy e Milton). Em média, os cientistas da área de humanas tiveram 50% das páginas da biografia escritas sobre a

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

trajetória de vida; os cientistas da área de naturais, cerca de 30% (ORMANEZE, 2013).

A relação que as biografias constroem com os cientistas sociais é quase romântica: são aqueles que, por 'vocação', decidiram dedicar sua vida aos livros, a descobrirem os cantos do Brasil, a estarem do lado dos oprimidos e a ensinarem, já que a referência à atividade de professor é também muito forte nos textos referentes aos antropólogos e aos sociólogos. Florestan, por exemplo, realizou um trabalho em que "**denunciou** que a degradação do regime escravocrata e senhorial abandonou negros e mulatos à própria sorte, relegando-os a uma situação desalentadora, iníqua e desumana" (CAROS AMIGOS, 2010, p. 40, grifo nosso). Em destaque gráfico na página, aparece também uma frase do próprio Darcy Ribeiro, mostrando esse caráter de desbravador, embora sem citação de onde tal trecho tenha sido retirado: "Fui chamado à minha aventura maior: passar o Brasil a limpo. Não via ninguém, só conduzia a barcaça enorme do destino nacional, atônito, lúcido de dor." (CAROS AMIGOS, 2010, p. 135).

42 |

A maior parte do texto sobre Darcy refere-se a ele como um antropólogo que viveu junto com os índios, mas o texto não menciona qual o posicionamento do cientista em relação à cultura indígena e sua constituição no Brasil. Darcy também, para a biografia, não defendeu 'teses', mas "ideais" (CAROS AMIGOS, 2010, p. 132), ou seja, como desbravador mostrado no texto, ele foi mais um 'herói' do que um cientista, mais um agente prático do que um intelectual, retomando a imagem de alguém que se dedicou a grupos minoritários ou prejudicados pela estrutura social. A biografia utiliza para isso um trecho de uma entrevista concedida pelo também antropólogo Orlando Villas-Boas, que exerce uma função de legitimação: "'Darcy Ribeiro pertence a uma geração que mostrou à sociedade brasileira que índio não é bicho. Não era um antropólogo de gabinete', **sentenciou**" (CAROS AMIGOS, 2010, p. 195, grifo nosso). O verbo utilizado para indicar que se trata da fala de outrem é muito expressivo: 'sentenciar' é não deixar brechas para outra interpretação. O dito torna-se veredicto.

Em outro trecho, a biografia diz: "**Mesmo** como cientista era também político, porque entendia a pesquisa como um instrumento de transformação

da sociedade” (CAROS AMIGOS, 2010, p. 132, grifo nosso). Aqui fala a separação em espaços delimitados: há um lugar de fazer ciência e o lugar de fazer política, como se ambos não estivessem num mesmo contexto ou inter-relacionados. Essa frase abre-se para muitos sentidos. Embora seja uma das poucas utilizações do termo ‘cientista’ para falar do antropólogo, geralmente tratado, por antonomásia, de ‘intelectual’ ou ‘professor’, o uso da conjunção ‘mesmo’ é emblemático da imagem de ciência trazida. Se ‘mesmo como cientista era também político’, isso significa que não se espera de um cientista um envolvimento político, uma participação nos rumos da sociedade?

Por essa razão, Darcy é, de forma enfática, apresentado mais como ‘herói’ do que como cientista. Reforça-se a geração dessa imagem quanto grande parte do texto se dedica a falar sobre seu período de exílio. Todavia, quando se abordam as descobertas sobre a Amazônia, o texto se limita a dizer que ele “buscou sistematizar qual seria a formação adequada para professores que ensinassem na Amazônia” (CAROS AMIGOS, 2010, p. 132), sem citar quais as características que ele definiu como necessárias para essa atuação.

Nas biografias, também se percebe certo predomínio ou tentativa de explicar tudo pela Biologia, tendência que se observa em muitos outros textos jornalísticos sobre ciência e que também aparece nas biografias:

Do ponto de vista científico, Darcy Ribeiro foi um dos primeiros a estudar e **apontar** a contribuição das nações indígenas para a formação histórica do povo brasileiro – tese que, com o tempo, **ganhou apoio de muitas áreas da pesquisa científica. Inclusive, em termos biológicos:** boa parte dos genes que definem a população brasileira atual veio dos índios, indicam **pesquisas genéticas recentes como as do geneticista Sérgio Danilo Pena.** (CAROS AMIGOS, 2010, p. 132, grifos nossos).

O trecho ‘do ponto de vista científico’, valoriza as descobertas de Darcy que, mais à frente, foram explicadas por outros campos, ‘inclusive’ (o que tende a demonstrar superioridade e irrefutabilidade) ‘em termos biológicos’. A concepção de raça, ainda muito forte na sociedade brasileira e no senso comum, da mesma forma que uma tentativa de unidade racial ou de demonstração de que todos têm, no fundo, um mesmo ancestral, visões muito difundidas e valorizadas, inclusive, pela escola básica brasileira e pelo mito da

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

democracia racial, conforme mostrou DaMatta (1987), também aparecem como pré-construído que sustenta as formulações do texto. Em última análise, o trecho é uma tentativa de explicar uma constatação das Ciências Humanas trazendo algumas características próprias das naturais, como a objetividade que um dado biológico, aparentemente, traz, o que se apresenta pela presença de 'pesquisas genéticas recentes'. Mais evidente fica essa construção, quando contrastada com o verbo 'apontar', presente na primeira linha dessa citação: 'apontar' tem menos valor assertivo do que 'concluir' ou 'demonstrar', termos que poderiam ser utilizados num processo de paráfrase. Essas formulações são mais um indício do interdiscurso produzido pela herança da constituição das Ciências Humanas, da pretensão de uma racionalidade capaz de avaliar com toda a precisão e clareza os princípios e problemas da humanidade. Descartes (1569-1650), Galileu (1564-1642) e Newton (1643-1727), comparavam a natureza e o ser humano a máquinas, com mecanismos que precisavam ser descobertos e sistematizados. Mesmo no seu surgimento, as Ciências Humanas foram levadas a imitar e a copiar o que as naturais tinham preconizado, ou seja, um homem explicado quase que por critérios matemáticos.

44 |

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento que *Caros Amigos* dedica aos estudiosos da área de humanidades dá a eles características que mais os aproximam de ativistas de causas sociais do que cientistas. As razões da militância são as mesmas que aparecem nas páginas da revista constantemente, conforme reforça Bicudo (2004): um jornalismo contrário à política neoliberal, comprometido com temáticas como direitos humanos, justiça social, distribuição de renda, emprego, reforma agrária e liberdade de expressão.

Como biografia, esses dados são importantes, porque humanizam o cientista. No entanto, dissociar vida e obra é um risco que corre quando a humanização, ou seja, a apresentação de um sujeito a partir do máximo possível de suas facetas, não é bem feita ou quando alguns momentos, valorizados socialmente, são reforçados em detrimento de outros.

A constatação de que os cientistas da área de humanas com forte militância política foram valorizados mais pelas lutas travadas em movimentos sociais do que por suas contribuições teórico-científicas também demonstra a posição ideológica da revista e sua militância, como publicação de que se assume parcial. Para finalizar: se há indissociabilidade entre ciência, tecnologia e governo (PÊCHEUX, 1975), e se a divulgação científica está associada à educação para a ciência, é imprescindível a percepção de que a biografia ou qualquer texto sempre estará circunscrita aos princípios de autoria, ideologia e historicidade. 

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel; HEIDMANN, Ute. **O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Cortez, 2011.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

AUROUX, Sylvain. Instrumentos lingüísticos y políticas lingüísticas: la construcción del francés. **Revista Argentina de Historiografía Lingüística**, Buenos Aires, v. 2, n. 1, p. 137-149, jul./dez. 2009. Disponível em: <[http://www.rahl.com.ar/Revistas/II%20-%202009/auroux-RAHL-\(2\)2009.pdf](http://www.rahl.com.ar/Revistas/II%20-%202009/auroux-RAHL-(2)2009.pdf)>. Acesso em: 2 set. 2012.

BICUDO, Francisco José. **Caros Amigos e o resgate da imprensa alternativa no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2004.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceito e função. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, jan./jul. 1985.

CAROS AMIGOS. **Coleção traz biografias de cientistas brasileiros**, 31 out. 2009. Disponível em: <<http://lojacarosamigos.com.br/SubCategorias.aspx?idCategoriaFilho=32>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

_____. **Darcy Ribeiro**. São Paulo: Casa Amarela: 2010, p. 67-80. (Coleção Grandes cientistas brasileiros, fascículo 5).

_____. **Grandes cientistas brasileiros** (12 fascículos). São Paulo: Casa Amarela, 2009/2010.

_____. **Florestan Fernandes**. São Paulo: Casa Amarela: 2010, p. 35-48. (Coleção Grandes cientistas brasileiros, fascículo 2).

_____. **Milton Santos**. São Paulo: Casa Amarela: 2010, p. 67-80. (Coleção Grandes cientistas brasileiros, fascículo 3).

CASTRO, Ruy. O biografado dos sonhos precisa ser... **Brasileiros**, São Paulo, n. 6, p. 95-97, dez. 2007/jan. 2008.

Cientistas ou militantes?

Biografia, movimentos sociais e divulgação científica em *Caros Amigos*

DAMATTA, Roberto. A fábula das 3 raças. In: _____. **Relativizando**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. São Paulo: FGV, 2006, p. 167-182.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORMANEZE, Fabiano. **A biografia como divulgação científica**: uma análise de discurso na coleção "Grandes Cientistas Brasileiros". 2013, 178 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Campinas: Unicamp, 1975.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias e biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

YOUNG, Robert Maxwell. **What happened to human nature?** Londres: Process Press, 2000.

ZANOTTI, Carlos Alberto. Títulos no jornalismo diário ou a difícil arte de dizer apenas o essencial. **Revista de Estudos de Jornalismo**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 45-58, jul./dez. 1998.